

Apesar dos revezes sofridos e da grave afecção cardíaca que o devia vitimar tão cedo, dava a todos que com ele privavam a impressão de uma pessoa feliz e sadia.

A última vez que o vi foi na véspera da sua partida para Recife, em fins de junho. Encontramo-nos no saguão da Faculdade, onde lhe entreguei as cartas de apresentação que pedira para os meus professores da Sorbonne. Estava, nessa tarde, exuberante, comunicativo — o que era raro, em virtude de seu caráter em geral polido e reservado. Só falamos da França e da viagem que ele pretendia fazer à Europa assim que regressasse da sua terra natal. Não efetuou essa viagem, mas outra, da qual "no traveller returns".

Como acertadamente escreveu um dos seus mais devotados amigos, "viveu para a Família e para a Escola e por elas morreu docemente". Sim. Docemente, porque sem sofrimentos e em paz com sua consciência de católico fervoroso e praticante.

Desapareceu aos 48 anos, em plena maturidade, na "akmê" helênica da sua fulgurante inteligência, do seu espírito privilegiado, quando a Universidade de São Paulo muito esperava ainda da sua cultura, do seu amor ao estudo, da sua dedicação ao trabalho. Ao traçar o necrológio de Eça de Queiroz, citando Menandro, dizia Machado de Assis que a Antiguidade se consolava dos que morriam cedo, considerando que era a sorte daqueles a quem os deuses amavam. Quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisam entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever à terra que os ouviu e admirou. Onde ela é sem compensação é no ponto da vida em que o engenho, subido ao grau sumo, tem ainda muito que dar e perfazer".

Tal foi o caso do Professor Aluizio Coimbra: morreu sem ter realizado as aspirações máximas da sua carreira universitária: não chegou a defender a tese cuidadosamente preparada; não visitou a Grécia que sua alma helênica tanto amava; não se avistou com os Mestres franceses cujos nomes murmurava com respeito religioso: Dain, Flacelière, Séchan, Chantraine, Plassart, Bataille, Allard, Amandry, Defradas, Fernand Robert... Morreu cedo, mas em compensação não conheceu "o horror da decadência", deixando nesta Faculdade uma tradição de elegância moral, de cultura, de dedicação ao estudo, que servirá de exemplo e de modelo às gerações vindouras.

HILDA PENTEADO DE BARROS.

Professor Otoniel Mota

(1878-1951)

Faleceu a 14 de agosto o prof. Otoniel Mota, que foi professor da Cadeira de Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de 1936 a 1939. A morte do eminente sábio e educador representa uma perda irreparável para a cultura brasileira.

Nascido em Porto Feliz, neste Estado, aos 16 de abril de 1878, descendia de tradicional família paulista.

Após os estudos secundários, feitos no Curso Anexo da Faculdade de Direito, diplomou-se no Seminário Presbiteriano, sendo ordenado para o ministério evangélico em 1910. Durante 50 anos foi ali um batalhador incansável de todas as causas nobres e humanas, servindo como pastor e como professor de Exegese e Arqueologia Bíblica.

Dedicando-se com amor aos estudos de filologia portuguesa — campo que há 50 anos apenas se começava a devassar entre nós —, tornou-se um dos mestres mais acatados nessa matéria, gozando de alta reputação no país e no estrangeiro.

Leccionou português nos ginásios estaduais de Ribeirão Preto e de Campinas. Transferindo-se para São Paulo em 1924, ocupou por muitos anos o cargo de diretor da hoje extinta Biblioteca Pública do Estado. Finalmente, durante o período acima referido, lecionou na Faculdade de Filosofia na Cadeira de Filologia Portuguesa.

Foi também membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira de que era patrono Júlio Ribeiro.

A sua obra literária foi imensa, incluindo livros, opúsculos e artigos de colaboração em jornais e revistas.

Entre os seus trabalhos mais conhecidos lembremos apenas: *Ensaio Linguístico*, *O pronome "se"*, *Lições de Português*, *O meu idioma*, *Comentário aos Lusíadas*, *Horas Filológicas*, *O lirismo grego*, *O amor que santifica* (romance), *Selvas e Choças*, *Historietas*, *Israel, sua terra e seu livro* (arqueologia bíblica), *Anotação ao livro dos Atos dos Apóstolos*, *O Evangelho de São Mateus*, *Temas espirituais*, *Do rancho ao palácio*.

Noticiando, com pesar, a sua morte, a *Revista de História* rende um tributo de homenagem a uma das inteligências mais brilhantes e cultas da nossa terra e a um incansável pesquisador, sempre empenhado em resolver problemas ainda não esclarecidos da filologia portuguesa, latina e grega, da exegese bíblica, da história e de outros ramos da cultura. Exemplo de seu talento de historiador sério e desbravador de documentos antigos, temos em seu livro *Do rancho ao palácio*, em que estuda alguns aspectos interessantes da civilização de São Paulo desde o século da descoberta.

Mas, com o seu desaparecimento, perde o Brasil não apenas um grande sábio, mas também um caráter adamantino e um homem de coração bondoso, de uma simplicidade cativante e de uma modéstia adorável. A sua memória ficará no coração de todos aqueles que o conheceram de perto como uma inspiração profunda e bendita.

TH. HENRIQUE MAURER Jr.

Professor Roldão Lopes de Barros

(1884-1951)

A Faculdade de Filosofia perdeu, em menos de dois meses, dois de seus professores, ainda no exercício de suas atividades, Aluizio de Faria Coimbra e Roldão Lopes de Barros, e o prof. Otoniel Mota, que fizera parte de seu corpo docente, como professor de Filologia Portuguesa, Aluizio Coimbra, colhido pela morte em plena maturidade, regia a cadeira de Língua e Literatura Grega e se preparava para a defesa de tese de doutoramento em letras e o concurso para provimento efetivo da referida cadeira. Licenciado pela Faculdade, assistente do professor De Falco, que inaugurou e professou por vários anos os cursos dessas duas importantes disciplinas, ascendeu à cátedra, como professor interino e, depois, contratado, por sua competência na matéria e pelos serviços prestados ao nosso instituto universitário no campo das letras clássicas. O prof. Otoniel Mota que consagrou a vida à educação da mocidade e ao ensino de português, era um mestre da língua e filólogo acatado em todo o país e em Portugal, no domínio dos estudos em que se especializou.

Com o falecimento de Roldão Lopes de Barros, professor de história e filosofia da educação, sofreu a Faculdade, em período tão curto, mais um rude golpe, que a privou do convívio e da colaboração de um de seus mestres mais antigos. Completava ele agora, em 1951, os seus 40 anos de trabalhos ininterruptos no magistério de que percorreu todos os graus, começando, aos 27 de idade, pelo ensino primário, para atingir, com escala pelo ensino médio, especialmente o normal, a alta dignidade do magistério universitário. Em su-